

## TIJOLOS DA HISTÓRIA: MUSEU, RESISTÊNCIA E MEMÓRIAS DA VILA AUTÓDROMO

Sandra Maria S. Teixeira<sup>1</sup>

Do povo oprimido nas filas, nas vilas, favelas  
Da força da grana que ergue e destrói coisas belas  
(Caetano Veloso, "Sampa")

### AGRADECIMENTOS

Agradeço a todas as pessoas que me ajudaram a chegar até aqui, sozinha eu não teria conseguido. Um longo caminho percorrido, construído de forma coletiva, em todos os momentos. É um agradecimento especial para Mário Ignácio Brum<sup>2</sup>, meu orientador, amigo e parceiro de luta. Sem ele o caminho seria mais longo e difícil. Gratidão.

### RESUMO

Este artigo é um resumo do meu trabalho de conclusão do curso de História na UERJ - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, em 2023, intitulado "Tijolos da História: Museu, Resistência e Memórias da Vila Autódromo".

O trabalho apresenta um duplo objeto, de um lado, o processo de registro, guarda e exposição das memórias do cotidiano e da resistência dos moradores da Vila Autódromo, localizada na cidade do Rio de Janeiro justamente na área prioritária para construção do principal polo dos Jogos Olímpicos de 2016, contra o processo de remoção que a favela viveu no período imediatamente anterior aos Jogos. Por outro lado, do processo de resistência à remoção surgiu o Museu das Remoções, que registra a luta e a existência da Vila Autódromo, constituindo um museu de território no espaço antes ocupado pelas mais de 500 famílias removidas e pelas 20 famílias remanescentes no local. De modo que essa monografia, escrita por uma moradora da Vila Autódromo e co-fundadora do Museu, envolve, além da pesquisa histórica, o envolvimento ativo em todo processo de habitar no local, resistir ao processo de remoção, estruturar e narrar essa história através do Museu, entre outras iniciativas, como essa própria monografia.

Pelo desafio de fazer o registro histórico de um processo vivido de forma pessoal, além da cautela no uso de fontes primárias, como documentos e memórias dos moradores, optei por enfatizar a doação das peças coletadas nos escombros da Vila Autódromo para o acervo do Museu Histórico Nacional, incorporadas a exposição

---

<sup>1</sup> Moradora da Vila Autódromo, co-fundadora e co-gestora do Museu das Remoções. (museudasremocoos.com), graduanda em História pela UERJ, Guia de Turismo, atriz e tem alguns artigos já publicados.

<sup>2</sup> Professor de Teoria e Ensino de História e do ProfHistória - UERJ, é Procientista UERJ. É pesquisador associado ao INCT/Proprietas, Leddes/UERJ e coordena os projetos de extensão Vozes da Luta e produção História Local: a sala de aula e o mundo ao redor."

<http://lattes.cnpq.br/2015880806399937>

de longa duração de História Contemporânea. Sendo o principal objeto de análise aqui o processo de seleção deste acervo, a construção da exposição e as representatividades desta ação para os agentes dessa história e seus segmentos sociais, no que foi composto um dossiê, que contenha as principais informações, nas quais sejam elencadas as devidas documentações e que contenha também o elemento humano com memórias e emoções referentes às representações deste fato histórico, através de depoimentos de moradores, ex - moradores, apoiadores, funcionários do Museu Histórico Nacional envolvidos no processo de doação, textos produzidos para a exposição, fotos e documentos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Remoção, Vila Autódromo, Museu das Remoções, Museologia Social.

## INTRODUÇÃO

Em 18 de maio de 2017, o Museu das Remoções doou para o Museu Histórico Nacional (MHN) algumas peças coletadas nos escombros da Vila Autódromo durante o processo de remoção que ocorreu neste território a partir de uma parceria do Poder Público e Privado, tendo a convicção do Judiciário. Estas peças foram incorporadas ao acervo de História contemporânea, na ala de exposição de longa duração. O presente trabalho é um registro deste processo, o que envolve também uma abordagem histórica do processo de formação da Vila Autódromo, localizada às margens da Lagoa de Jacarepaguá, na Zona Oeste do Rio de Janeiro.

O espaço tem sua origem na década de 1960, como uma colônia de pescadores às margens da lagoa, tendo acelerado seu crescimento com a construção do Autódromo de Jacarepaguá na década de 1970 e na expansão imobiliária dos bairros ao redor, Barra da Tijuca e Jacarepaguá, que contam com muitos empreendimentos residenciais direcionados às classes média e alta, além do crescimento do setor de serviços.

De modo que na década de 1980 a Vila Autódromo é marcada pela luta por regularização fundiária, seguida pelas ameaças de remoção e a luta pelo reconhecimento do direito ao território na década de 1990, quando conquistam dois títulos de concessão de uso da terra, para posteriormente viverem uma intensificação das ameaças de remoção com a chegada dos megaeventos na cidade do Rio de Janeiro na década de 2000 e as remoções gerada pela especulação imobiliária e investimento financeiro no processo de preparação dos Jogos Olímpicos realizados na cidade do Rio de Janeiro em 2016, que levam a privatização de imensas terras públicas e a remoção de centenas de pessoas.

Eu, mulher, parda, moradora da Vila Autódromo desde o início da década de 1990, onde tive e criei quatro filhos, vivenciei todo o processo de resistência contra as remoções da Vila Autódromo, sendo co-fundadora do Museu das Remoções e faço parte do grupo de vinte famílias que permaneceram no território da Vila Autódromo. Vale dizer que iniciei o curso de História na UERJ em 1991, porém abandonei o curso e segui por caminhos diferentes. Mas, motivada por essa experiência de remoção e resistência, retornei à universidade com o propósito de concluir o curso de História.

Na Vila Autódromo apenas vinte famílias conseguiram permanecer no território, após o processo violento de remoção e resistência. E é a permanência destas vinte famílias que garante que a terra se mantenha como uma AEIS - Área de Especial

Interesse Social, previsto por lei complementar e torna a resistência da Vila Autódromo uma referência internacional na luta por moradia e direito à cidade.

Na luta contra as remoções foram realizadas por moradores e apoiadores ações de resistência culturais e educativas que ficaram conhecidas como “Movimento Ocupa Vila Autódromo”. Foi nesse movimento que nasceu o Museu das Remoções, um museu de território, criado por moradores e apoiadores da resistência contra as remoções. Este museu tem a história e a memória como ferramentas de luta e através de ações criativas seus organizadores encontram na museologia um instrumento potente na luta por direitos e contra o apagamento da história.

No processo de construção deste museu, os/as moradores(as) compreenderam a importância dos patrimônios materiais, como os escombros e ruínas deixados no território e o que eles representam para a preservação desta história e memória, nas quais se revelam seus direitos, depois de vencerem o que parecia uma luta impossível de ser vencida, criando um marco na história das populações removidas pelo processo de reformas urbanas realizadas por Parcerias Público Privadas nos países que sediam os Jogos Olímpicos e que deixam como legado a privatização de terras públicas e comunidades inteiras removidas.

Outro marco que a Vila Autódromo estabelece na história de favelas removidas foi conseguir, através da resistência, que no final do processo as famílias saíssem com maior poder de negociação em suas indenizações, mais compatíveis com o valor dos terrenos de uma região em franco crescimento imobiliário como é o caso da Barra da Tijuca. Para estas pessoas, que moram ou moraram neste território, agentes históricos do processo de remoção e resistência ocorrido na Vila Autódromo, a incorporação de elementos coletados nos escombros no período da remoção ao acervo de um dos maiores museus tradicionais do país, o Museu Histórico Nacional, além de tantas representações e reflexões atribuídas no decorrer do trabalho, é a certeza de um reconhecimento histórico.

Uma nota necessária é o uso dos termos *favela* e *comunidade* aqui nesse trabalho. Não iremos aprofundar na legitimidade de cada termo ou nos sentidos que eles possuem, debate realizado por Birman (2008). Sendo um trabalho produzido pelo meu envolvimento direto no processo abordado, isso se estende para meus vizinhos e a coletividade que faz e fez parte da Vila Autódromo. Assim, se por um lado a palavra *favela* era usada para se referir à Vila Autódromo por alguns atores, fossem eles a favor ou contra a remoção; por outro o termo *comunidade* era cotidianamente usado por nós moradores quando nos referíamos ao território onde morávamos e moramos, de modo que as duas palavras serão usadas aqui tanto nos depoimentos de moradores quanto nas minhas reflexões, sem juízo de valor sobre elas ou debates de sentido.

## **VILA AUTÓDROMO: UMA COLÔNIA DE PESCADORES E OS PRIMEIROS TIJOLOS**

No primeiro capítulo, faço uma abordagem acerca da origem da Vila Autódromo como uma colônia de pescadores, seu crescimento e organização do território. Sua luta pela regularização fundiária e contra as ameaças de remoção, conquistando direitos, como os dois títulos de concessão de uso da terra, a Lei Complementar nº 74/2005, que estabelece quase toda a área da Vila Autódromo como Área de Especial Interesse Social (AEIS), destinada à moradia popular. e construindo o Plano Popular de urbanização, premiado internacionalmente,

O Plano Popular de Vila Autódromo (PPVA), por sua vez, é o resultado e a expressão da resistência e da defesa dos moradores em sua luta pela permanência na área. Contém ações voltadas para o desenvolvimento social, cultural, econômico e urbano abrangendo melhorias urbanísticas dos espaços públicos e do saneamento ambiental, todas elas pensadas, discutidas e decididas pelo conjunto dos moradores com o apoio técnico das universidades públicas. Reafirma o direito da população à área atualmente ocupada, reunindo propostas técnicas que comprovam tal possibilidade como também a da melhoria das condições habitacionais e ambientais lá existentes. Nele, todas as ações surgiram a partir das demandas manifestadas pelos moradores e de sua visão sobre seu local de moradia."(VAINER; BIENENSTEIN; TANAKA; OLIVEIRA; LOBINO; SÁNCHEZ e BIENENSTEIN, 2018, p.112).

## VILA AUTÓDROMO EXISTE, RESISTE E REEXISTE!

No segundo capítulo, falo do processo de remoção forçada realizado na Vila Autódromo, a partir de uma parceria do Poder Público e Privado, tendo a conivência do Judiciário. no qual as violações de direitos e pressões variadas incluindo dois decretos de desapropriação, retirada da iluminação pública das principais ruas, suspensão de serviços básicos como entrega de correspondência e coleta de lixo, derrubada de casas com os pertences de moradores dentro, fechamento dos comércios locais, descumprimento de normas de segurança para realizar as demolições, abandono dos escombros no local, entre tantas outras pressões psicológicas, jurídicas e físicas. resultam na remoção de centenas de famílias e uma resistência histórica, tendo como instrumento de luta a arte e a educação, gerando o Movimento Ocupa Vila Autódromo, no qual nasce o Museu das Remoções, construído durante a remoção, através de oficinas de memória, reuniões e coletas de peças nos escombros, o Museu das Remoções foi inaugurado no dia 18 de maio de 2016, dia internacional dos museus, com o tema "Museus e Paisagens Culturais", sugerido pelo Conselho Internacional de Museus (ICOM), nascido deste processo criativo de luta, como mais uma ação do movimento *Ocupa Vila Autódromo*, mais uma ferramenta contra as remoções e contra o apagamento da memória e história. Um museu de território, da Museologia Social.

"Toda museologia e todo museu existem em sociedade ou numa determinada sociedade, mas quando falamos em museu social e museologia social, estamos nos referindo a compromissos éticos, especialmente no que dizem respeito às suas dimensões científicas, políticas e poéticas; estamos afirmando, radicalmente, a diferença entre uma museologia de ancoragem conservadora, burguesa, neoliberal, capitalista e uma museologia de perspectiva libertária; estamos reconhecendo que durante muito tempo, pelo menos desde a primeira metade do século XIX até a primeira metade do século XX, predominou no mundo ocidental uma prática de memória, patrimônio e museu inteiramente comprometida com a defesa dos

valores das aristocracias, das oligarquias, das classes e religiões dominantes e dominadoras.” (CHAGAS e GOUVEIA, p.17, 2014)



Foto de Luiz Cláudio Silva

“Para que tenhamos uma História e uma Museologia verdadeiras, é preciso que todos os segmentos sociais tenham voz, do contrário essas Instituições serão sempre reflexo da dominação de um povo, servindo como instrumento da manutenção desta, e de um pensamento colonizado. Para descolonizar essas instituições é preciso dar voz e valor aos diferentes traços culturais que compõem uma história. No caso do Brasil, falamos de uma história de invasões, dominações, explorações, colonização e escravização. Precisamos ter voz, acabar com esta invisibilidade, que nos silencia e nega os nossos direitos.(TEIXEIRA, p.228, 2020)

## VILA AUTÓDROMO: UM SÍMBOLO DE MEMÓRIA

No terceiro capítulo, abordo a vitória da comunidade, Com uma resistência histórica, após um longo processo, no qual centenas de famílias foram removidas da Vila Autódromo e apenas vinte famílias conseguem permanecer no território, no dia 13 de abril de 2016, às vésperas da realização dos Jogos Olímpicos, a Prefeitura do Rio de Janeiro fez um acordo extrajudicial firmado de forma coletiva entre moradores e o Município do Rio de Janeiro, reconhecendo o direito de moradia destas famílias e se comprometendo a reconstruir os espaços sociais que destruiu. E no processo de construção do Museu das Remoções no qual são coletados elementos dos escombros, que seriam doados para o MHN.

“Apesar dos diversos reveses enfrentados, a Vila Autódromo protagonizou uma luta heróica e pode-se mesmo dizer que se transformou em símbolo da resistência a um projeto olímpico segregador, que promoveu a limpeza sócio-étnica de extensas áreas da cidade. Teimosa, a Vila Autódromo e seus moradores constituíram, pelo simples ato de recusa, um exemplo emblemático das lutas Com o anúncio,

em 2009, da realização das Olimpíadas 2016 no Rio de Janeiro, o novo prefeito Eduardo Paes (2009-2016) afirmou a necessidade de remoção de mais de 3.500 famílias em seis assentamentos populares das Zonas Oeste e Norte da cidade, entre eles a Vila Autódromo. O argumento, contido no “Plano de Legado Urbano e Ambiental” para os jogos, era a destinação da área da Vila para a ampliação das Avenidas Abelardo Bueno e Salvador Allende.” (TANAKA, OLIVEIRA, BIENENSTEIN, SÁNCHEZ, VAINER, LOBINO, BIENENSTEIN, 2018, p.51

A arte e a criatividade passaram a ser elementos fundamentais das ações realizadas como estratégias de luta, sendo a cultura e a educação os agentes principais. Nesse contexto, nasce o Museu das Remoções. Um museu a céu aberto, de território, uma ferramenta de luta, um museu social. Nascido na luta e para a luta contra as remoções e apagamentos de memórias.



Foto de Luiz Claudio Silva - Festival Cultural Ocupa Vila Autódromo

Sendo um museu de território, todos os elementos que fazem parte deste território, compõem o acervo do Museu das Remoções. São dispositivos de memórias, que ajudam a compreender a história desta população, como era seu cotidiano e as transformações ocorridas neste território.



Foto de Luiz Claudio Silva

O Museu das remoções é organizado e inaugurado no final do período de remoção na Vila Autódromo. O contraste visual era impactante, em um mesmo território havia casas ocupadas por famílias que resistiam e re-existiam. Se re-inventavam todos os dias para conseguir permanecer ali, muitos escombros de casas demolidas, casas vazias, esburacadas e um imponente hotel de luxo, cinco estrelas, espelhado com vidros escuros, de uma rede privada e internacional, que havia sido erguido onde antes era a entrada da comunidade. Este hotel era um sinalizador da mentira de que a remoção era necessária para a construção do Parque Olímpico, uma vez que este fica depois do hotel.

No período de construção do Museu das Remoções, foram realizadas oficinas de memórias, nas quais, em uma espécie de mapeamento, eram atribuídas aos locais da Vila Autódromo memórias relatadas por moradores, ex-moradores e apoiadores. Após uma dessas oficinas, foi feito um passeio em meio aos escombros, no qual, orientados pelo professor Mário Chagas<sup>3</sup>, foram coletadas algumas peças para compor um acervo do período da remoção, eram objetos e elementos das construções derrubadas das famílias removidas. A cada elemento coletado muitas histórias eram atribuídas e memórias particulares eram acionadas. A maior parte dessas peças foram doadas para o Museu Histórico Nacional.

## **DOS ESCOMBROS, PARA O MUSEU HISTÓRICO NACIONAL.**

No quarto capítulo, relato o processo de doação das peças coletadas nos escombros da Vila Autódromo para o Museu Histórico Nacional. No dia 18 de maio de 2017, "Dia Internacional dos Museus", foi aniversário de um ano do Museu das Remoções. A comemoração aconteceu no Museu Histórico Nacional, que neste dia realizou uma cerimônia, na qual recebeu do Museu das Remoções duas camisetas (sendo uma com a logo da Vila Autódromo e outra com a logo do Museu das Remoções) e mais 12 peças coletadas nos escombros da Vila Autódromo no período de remoção, para serem incorporadas ao seu acervo.

A incorporação destas peças, que carregam em si memórias da remoção, é uma maneira de fortalecer a permanência da Vila Autódromo e o que esta história representa na luta pelo direito à cidade, na memória do povo brasileiro.

A coleção de objetos coletados nos escombros da Vila Autódromo dialoga com objetos do Morro do Castelo na exposição do Museu Histórico Nacional, na ala de exposição de longa duração da História Contemporânea. Para o professor Mário Chagas é fundamental que neste registro histórico proposto, seja feito um diálogo ampliado com outros processos de remoção, em especial a derrubada do morro do Castelo, porque ali tem características que se repetiram na Vila Autódromo. Como por exemplo, a questão da limpeza da paisagem. A limpeza do espaço urbano.

Aline Montenegro, historiadora, trabalhava no Museu Histórico Nacional na época da doação e foi uma das pessoas atuantes na realização deste processo. Em seu depoimento, fez considerações fundamentais acerca de processos históricos ocorridos durante as reformas urbanas e observa a importância para o Museu

---

<sup>3</sup> Mário Chagas é professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UNIRIO e atual diretor do Museu da República. Participou do processo de formação do Museu das Remoções, orientando o processo de musealização no escopo da Museologia Social. Foi quem articulou a doação do acervo da Vila Autódromo para o Museu Histórico Nacional.

Histórico Nacional na inclusão destas peças, dos escombros da Vila Autódromo para colocar em diálogo entre as experiências mais remotas de destruição e as experiências mais recentes, em reformas urbanas que impactam e removem. Para a historiadora, esta coleção traz para o diálogo vestígios de moradia, o que é um diferencial no acervo do MHN, que só possuía vestígios de edificações oficiais:

Paulo Knauss, na época diretor do Museu Histórico Nacional, menciona a importância do Museu das Remoções tratar sobretudo da questão da habitação, uma vez que o próprio contexto histórico de fundação do Museu Histórico está associado a remoção do antigo morro do Castelo e que essa ação dialogava com o projeto institucional que ele defendia, no qual o museu tem que ser um instrumento de valorização da cidadania pela representação das causas, da afirmação de direitos, das lutas sociais pela ampliação de direitos no Brasil.

## **MORRO DO CASTELO E VILA AUTÓDROMO: REMOÇÕES HISTÓRICAS EM DIÁLOGO**

No quinto capítulo, são feitas reflexões da remoção do Morro do Castelo e as relações com a remoção da Vila Autódromo e da coleção da Vila Autódromo estar diretamente relacionada ao esforço de reorientação do trabalho institucional do MHN e da importância de ser uma coleção que se constitui a partir do diálogo com quem é o sujeito histórico da história que está sendo representada.

Paulo Knauss em entrevista<sup>4</sup>, menciona a importância do Museu das Remoções tratar sobretudo da questão da habitação, uma vez que o próprio contexto histórico de fundação do Museu Histórico Nacional está associado à remoção do antigo morro do Castelo.

Paulo Knauss, que na época da doação era o diretor do Museu Histórico Nacional, durante a entrevista faz um resumo do processo de doação das peças coletadas nos escombros da Vila Autódromo e da incorporação dessas peças ao acervo do museu, direcionando a resposta a mim, que o entrevistava, Knauss afirmou considerar muito importante que a missão da instituição estivesse relacionada a algum direito, porque as nossas instituições públicas hoje em dia se definem fundamentalmente como instrumentos de fortalecimento da cidadania. E que o museu, desde o tempo do Gustavo Barroso, era basicamente a casa da memória nacional e carregava as definições das missões que existiam.

Carregava ainda um pouco, com outro arsenal conceitual, a ideia de que o museu discutia a identidade do Brasil e que o museu não é onde a gente consagra a identidade do país. E sim onde a gente discute a identidade do país e coloca as nossas identidades em reflexão, crítica e debate.

Argumentou que a missão é aquilo que assume essa atividade e lhe dá um sentido e compromete a instituição com essa visão crítica da sua própria tarefa, de sua atividade e que relaciona tudo que o museu faz com a luta pelos direitos no Brasil. Sobretudo entendendo que o patrimônio e a memória são terrenos em que a cidadania se fortalece.

De acordo com Paulo Knauss, esta coleção da Vila Autódromo é muito importante, porque foi constituída no museu com a participação do sujeito social que

---

<sup>4</sup> Transcrição realizada por Renan Rodrigues, bolsista do Projeto de Extensão *Vozes da Luta: assessoria a moradores de favelas* (Depext- UERJ) coordenado pelo prof. Mario Brum



a peça representa. Sendo uma coleção que se constitui a partir do diálogo com quem é o sujeito histórico da história que está sendo representado pela coleção:

E afirma que isso, na história do Museu Histórico Nacional, representa uma nova época. Não é o discurso do técnico do museu, do especialista, do pesquisador, do acadêmico, nem do curador. É um discurso construído em diálogo com os sujeitos do próprio tema representado pela coleção.

## CAMINHOS DA CIDADANIA

O sexto capítulo aborda o processo de construção da exposição Cidadania, na qual os escombros da Vila Autódromo dialogam com os escombros do Morro do Castelo. Trazendo uma exposição dos diálogos que foram travados, das dificuldades encontradas neste processo com as mudanças em períodos curtos da direção do MHN, em meio a pandemia. E a revisão da exposição a partir da intervenção do sujeito histórico que a coleção representa.

“A mudança descolonial não é apenas uma mudança no conteúdo, mas na lógica da conversação. É a desobediência epistêmica e estética que abre e coloca sobre a mesa a opção descolonial” (MIGNOLO, W. 2018, p.322). O acervo da remoção da Vila Autódromo reflete a necessidade atual de intensificar o debate da descolonização museal. Dialoga com o combate ao racismo e apagamento de memória. Traz para o debate o outro, mas se depara com alguns obstáculos, de ordem política, econômica e também por ainda estarmos engatinhando no processo de transformação e descolonização dos museus, uma vez que durante séculos se especializaram em contar a história dos colonizadores e na preservação da memória e história da elite dominante. Compreender a representação e importância de pedaços de casas de pessoas pobres, faveladas, herdeiros culturais de uma população escravizada e pensar com o sujeito da ação, o sujeito a ser exposto, é transformador, mas também um aprendizado.

## VIDAS E VOZES NOS ESCOMBROS: AS 14 PEÇAS DOADAS PELO MUSEU DAS REMOÇÕES PARA O MUSEU HISTÓRICO NACIONAL

Ao falar das peças doadas para o MHN, no capítulo sete, trago as vozes de algumas das vidas que estas peças representam. Alguns rostos, algumas memórias, um pouco de suas histórias e o que esta exposição representa para essas pessoas que viveram a remoção.

Essas peças que compõem o acervo do Museu Histórico Nacional são peças que foram recolhidas dos escombros abandonados das casas de ex-moradores. Para Paulo Knauss:

“E eu acho que com as nossas contribuições, só... Eu quando peguei o *História do Brasil em 100 objetos* teve um momento que eu chorei porque, não só ter lá o Museu das Remoções, mas eu duvido que exista um museu na sua história nacional que tenha uma coleção como o Museu das Remoções.” (trecho da entrevista à Sandra M. Teixeira em 22 de julho de 2023)

Na incorporação dos escombros da Vila Autódromo ao acervo do MHN, na ala de exposição de longa duração, um dos museus tradicionais mais respeitados, reconhecido pela prática de registro da história nacional, a Vila Autódromo tem o reconhecimento da importância de sua luta e resistência para a história da cidade do Rio de Janeiro e para a história do Brasil.

Entre as peças tem uma que não identificamos o nome do morador da casa a qual pertencia. Essa peça, entretanto, torna-se talvez a mais importante de todas, uma vez que, não sendo identificada, torna-se representante da maioria desta população removida, que além de removida, tem sua identidade perdida, apagada e esquecida. Não tendo ao menos, o registro de sua memória. (TEIXEIRA, 2017) .

“Hoje vendo esse pedaço da minha casa, é assim, dói um pouco porque assim foi a minha casa que eu sonhei, que eu projetei, que eu construí com a minha família e eu nunca imaginei que eu ia ver a minha casa caída, vê minha casa derrubada sem motivo né. Só pela , pelo capricho da prefeitura, dos governantes que não respeitam a cidade e o cidadão, morador das comunidade, das favelas, dói, na verdade, porque eu nunca imaginei passar por isso. Mas como eu falei antes, é também uma forma de a gente mostrar que vale a pena lutar, vale a pena cobrar o seu direito. Quando eu vejo essa peça, eu falar dessa peça numa entrevista, prum trabalho de, acadêmico, eu falar dessa peça pra outro museu faz uma grande diferença na minha vida, na minha história e também acredito que nas histórias de outras remoções,...” (Trecho da entrevista de Maria da Penha Macena à Sandra M. Teixeira. 26/07/2023)

## Considerações finais

Nas “*Considerações finais*”, início com uma poesia, "Sonho impossível", versão de Chico e Ruy Guerra da canção norte-americana "The impossible dream", de Joe Darion e Mitch Leigh, e *faço algumas reflexões sobre o uso das palavras favela e comunidade ao longo do trabalho. Apresento um resumo das ações do Museu das Remoções a posteriori da doação para o Museu Histórico Nacional.*



[www.museudasremocoes.com](http://www.museudasremocoes.com)

[museudasremocoes@gmail.com](mailto:museudasremocoes@gmail.com)

[www.facebook.com/museudasremocoes](https://www.facebook.com/museudasremocoes)

[www.instagram.com/museudasremocoes](https://www.instagram.com/museudasremocoes)

Pensar a História da Vila Autódromo é pensar a história das favelas, das desigualdades, ausência de políticas públicas e mercantilização do sujeito. É impossível falar em surgimento de favelas sem falar em escravidão, em tráfico de escravos. Segundo Abreu (1988, p. 35), a abolição da escravatura, o surgimento e expansão da indústria e o incremento do comércio e de serviços na área central da

cidade consolidam as classes sociais e dão início a luta pelo espaço, com interesses conflitantes, que ficam evidentes no espaço urbano da cidade.

As políticas públicas destinadas à organização e desenvolvimento urbano satisfazem os interesses do capital privado, de uma elite, composta por uma minoria que detém o capital e o poder político. A história da Vila Autódromo é mais um capítulo dessa longa história de invasão, escravização, colonização, dominação através da negação de direitos e mercantilização do ser. Cidades inteiras construídas por uma população, às quais o Estado e a elite dominante insistem em negar direitos, história e memória.

O surgimento das favelas acontece por uma necessidade de sobreviver em uma sociedade, na qual o alicerce possui a destruição da vida, história e memória de populações inteiras, milhões de pessoas escravizadas e depois despejadas nas ruas, sem nenhuma política pública de reparação mínima.

A expansão das favelas ocorre simultaneamente à expansão da cidade e dos empregos gerados por ela. O transporte precário e a baixa remuneração são motivadores para a população pobre, de famílias operárias, residirem próximo ao local de trabalho. Porém, quando os bairros são estruturados, beneficiados com infraestrutura e desenvolvimento urbano e econômico, são considerados áreas nobres e a especulação imobiliária, através de políticas de remoção, expulsa a população pobre destas áreas das cidades para as periferias e para as favelas, submetendo esta população ao abandono do poder público em áreas com inundações, deslizamentos e todo tipo de risco e doenças, devido à falta de saneamento.

As políticas de privatização e acumulação de bens e serviços em poucas mãos, lançam milhões de pessoas à informalidade. O poder público desenvolve projetos e reformas com obras de embelezamento urbano em busca da valorização do território, visando atender aos interesses da especulação imobiliária.

O Estado neoliberal, visando atender aos interesses da elite dominante, desenvolve projetos com medidas remediadoras, ignorando as políticas de inclusão social. A transformação do espaço urbano, que ocorre nos processos de remoção, aliado ao tempo e a valorização da história daqueles que detêm o poder econômico, resultam muitas vezes no apagamento da memória e da história de uma grande parcela da população. A história da formação urbana e das remoções ocorridas nesse processo nos possibilita compreender a lógica utilizada na construção e reformas da cidade até os dias atuais.

Vinte famílias conseguem resistir e permanecer na Vila Autódromo. A resistência desta comunidade torna-se uma referência na luta contra as remoções. Uma luta que serve de exemplo para outras comunidades que vivem essa ameaça no Brasil e no mundo. Um aprendizado para as próximas gerações, ameaçadas ou não de remoção, mas que estejam no mínimo atentas e informadas sobre o processo de mobilização de uma parcela da sociedade que protagonizou sua História a partir do seu território, do seu local, mas que ajudou a escrever parte da História do Brasil, muitas vezes narrada, contada, patrimonializada, exposta, sem que se leve em conta seus segmentos mais pobres.

Apesar de centenas de pessoas terem sido removidas, a permanência dessas vinte famílias, para as quais o Estado não conseguiu negar direitos, representa um número incalculável de pessoas removidas no Brasil e no mundo, com total negação e violação de direitos. Isso, porém, não anula o fato de centenas de famílias terem sido removidas pela realização de um projeto urbano segregador, financiado pelo investimento bilionário da especulação imobiliária

O Museu das Remoções nasce dos escombros da Vila Autódromo, da luta e resistência de uma gente que se recusa a aceitar a negação de direitos, as cidades partidas, as memórias apagadas por mitos construídos e histórias modificadas, as histórias oficiais, museus criados para valorizar os símbolos nobres e a cultura externa, daqueles que nos colonizaram, apagando muitas vezes a história de um povo. Muitas vezes valorizando e criando heróis no imaginário popular de personagens que foram heróis apenas para a elite, matando, explorando e dominando o povo. Aqueles que constroem e sustentam esta cidade com sua força de trabalho e que ainda nos dias atuais são vistos como servos. Nasce como ferramenta de luta, gritando: MEMÓRIA NÃO SE REMOVE. (TEIXEIRA, p.235, 2020)

## BIBLIOGRAFIA

ABREU, M. A. *Da habitação ao habitat: a questão da habitação popular no Rio de Janeiro e sua evolução*. In Revista Rio de Janeiro, n. 200, abril 1986.

\_\_\_\_\_. *A periferia de ontem: o processo de construção do espaço suburbano do Rio de Janeiro (1870 - 1930)* In Revista Espaço e Debates, n. 21, 1987 b, p.12-38.

\_\_\_\_\_. *Evolução Urbana do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: IPLANRIO, 1988.

\_\_\_\_\_. *Pensando a cidade no Brasil do passado*. In CASTRO, I. E. et al (orgs.). Brasil: questões atuais da reorganização do território. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996, p.145-183.

\_\_\_\_\_. *Cidades Rebeldes: do direito à cidade à revolução urbana*. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

\_\_\_\_\_. *O enigma do Capital e as crises do capitalismo*. São Paulo: Boitempo, 2011.

ABREU, M.; VAZ, L. *Sobre as origens da favela*. Anais do IV Encontro Nacional da ANPUR, 1991

BARROS, Paulo Cezar de, *Onde nasceu a cidade do Rio de Janeiro ? ( um pouco da história do Morro do Castelo )*. In.: Revista geo-paisagem ( on line )Vol. 1, número 2, 2002, Julho/dezembro de 2002. ISSN N° 1677 – 650

BIRMAN, Patrícia. *“Favela é comunidade?”* Em: SILVA, Luiz Antônio Machado da (org). *Vida sob cerco: violência e rotina nas favelas do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

BOGADO, D. *O Museu das Remoções da Vila Autódromo. Potência de resistência criativa e afetiva como resposta sociocultural ao Rio de Janeiro dos megaeventos*. Tese de Doutorado. Universidade de Sevilha, 2017.

BRUM, Mário. *Favelas e remocionismo ontem e hoje: da ditadura de 1964 aos grandes eventos. O Social em Questão*, ano XVI, n. 29, p. 179-208, 2013.

CHAGAS, Mário; BOGADO, Diana.. *A museologia que não serve para a vida, não serve para nada: o museu das remoções como potência criativa e potência de resistência*. In.: Memória das olimpíadas no Brasil [recurso eletrônico]: diálogos e olhares, 1 / organizadores Lia Calabre... [et al.]. – Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2017

CHAGAS, Mário.; GOUVEIA, Inês. *Museologia social: reflexões e práticas (à guisa de apresentação)*. In Revista Cadernos do CEOM, Centro de Memória do Oeste de Santa Catarina, ano 27, n. 41, dez.2014, p. 9-22. Disponível em: < <https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rcc/article/view/2592/1523> >. Acesso em: 21/07/2023.

DOSSIÊ *Megaeventos e Direitos Humanos no Rio de Janeiro*. Publicado pelo Comitê Popular da Copa e das Olimpíadas do Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: < <https://br.boell.org/pt-br/2015/12/10/dossie-rio-olimpiadas-2016-os-jogos-da-exclusao> >. Acesso em: 23 de ago. de 2019.

FONSECA, M. C. L. *Para além da pedra e do cal: por uma concepção ampla de patrimônio cultural* In ABREU, R.; CHAGAS, M. (orgs.). Memória e Patrimônio: ensaios contemporâneos. 2.ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009.

HARVEY, D. *A produção capitalista do espaço*. 2.ed. São Paulo: Annablume, 2005.

KNAUSS, P. *Cidade Vaidosa: Imagens urbanas do Rio de Janeiro*: Sete Letras. 1999.

LUCENA, F. *História do Autódromo de Jacarepaguá*. In Diário do Rio.com, publicado em 27 de janeiro de 2016. Disponível em: < <https://diariodorio.com/histria-do-autdromo-de-jacarepagu/> >. Acessado em: 22 de ago. de 2019.

MAGALHÃES, A. *Transformações no “problema favela” e reatualização da “remoção” no Rio de Janeiro*. Tese de Doutorado. Instituto de Estudos Sociais e Políticos, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2013.

MARICATO, E. *Globalização e Política Urbana na Periferia do Capitalismo*. In Revista Ver a Cidade, ano IV, n.4, março de 2009.

MIGNOLO, W. (2018). MUSEUS NO HORIZONTE COLONIAL DA MODERNIDADE GARIMPANDO O MUSEU (1992)<sup>1</sup> DE FRED WILSON. In.: Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade de Brasília. *Museologia e Interdisciplinaridade*, 7, 13, 309-324.

MOUTINHO, M. (Coord.) *Sobre o Conceito de Museologia Social*. In: Cadernos de Sociomuseologia, v.1, n.1, 1993

MÜNCH, M. *Direitos Humanos e a colonização do urbano: Vila Autódromo na disputa*. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2017.

NORA, P., & Aun Khoury, T. Y. (2012). ENTRE MEMÓRIA E HISTÓRIA: A PROBLEMÁTICA DOS LUGARES. Projeto História : Revista Do Programa De Estudos Pós-Graduados De História, 10. Recuperado de <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101> Acessado em 21/07/2023.

PHILLO, C. História, Geografia, e o "Mistério Ainda Maior da Geografia Histórica" In GREGORY, D. et al. (orgs.). Geografia Humana-Sociedade, Espaço e Ciência Social. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996.

SANTOS, M. A Natureza dos Espaços. São Paulo: Hucitec, 1996.

SANTOS, M. S. dos. Museu Imperial: a construção do Império pela República In ABREU, R.; CHAGAS, M. (orgs.). Memória e Patrimônio: ensaios contemporâneos. 2.ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009.

STAVRIDES, S. Olimpíadas de Atenas 2004: Um estado de exceção urbano que se transformou em regra In Os megaeventos e a cidade: perspectivas críticas. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2016.

TANAKA, G. et al. Uma História de Luta e Resistência In TANAKA, G. et al. (orgs.) Viva a Vila Autódromo: O Plano Popular e a luta contra a remoção. Rio de Janeiro: Letra e Capital, 2018.

TEIXEIRA, Sandra M. de S. Resistência, pelo direito, história e memória. In.: Memória das olimpíadas no Brasil [recurso eletrônico]: diálogos e olhares, 1 / organizadores Lia Calabre... [et al.]. – Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2017

\_\_\_\_\_. Escombro. In Vocabulário em Movimento, do Projeto Céu aberto / O futuro da memória, poéticas de memória e esquecimento na América do Sul, realizado pelo Goethe Institut Rio de Janeiro e Museu das Remoções, setembro de 2017.

\_\_\_\_\_. Vila Autódromo: Lutando por direitos, entre emoções e remoções, nasce um museu. In.: Lugar Comum – Estudos de mídia, cultura e democracia. LABTeC/UFRJ. 2019.

\_\_\_\_\_. Museu das Remoções: Moradia e Memória. In.: Descolonizando a Museologia: Museus, Ação Comunitária e Descolonização. Editor: Bruno Brulon Soares. Published in Paris, ICOM/ICOFOM, 2020 p.226

\_\_\_\_\_. Bomba sapo. In.: Histórias do Brasil: 100 objetos do Museu Histórico Nacional, 1922-2022/Aline Montenegro Magalhães, org. et al. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2022.

VAINER, C. et al. A Permanência é Possível: A Elaboração do Plano Popular In TANAKA, G. et al. (orgs.). Viva a Vila Autódromo: O Plano Popular e a luta contra a remoção. Rio de Janeiro: Letra e Capital, 2018